

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

VISADO PELA  
CENSURA

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Concelheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Um HOMEM União Nacional Acto eleitoral A' VIRGEM

POR ALFREDO PIMENTA.

Já em vésperas de regresso à oficina normal, decidi fazer uma visita, não de entendido, mas de simples curioso, e de vimaranesense sempre atento às grandes iniciativas da terra, decidi, repito, fazer uma visita ao Teatro de Jordão.

E ontem, à tarde, cumpri o que resolvera. Na lista das aspirações de Guimarães, há muitos problemas, alguns dos quais parecem infelizmente eternizar-se.

O do teatro era um dos mais interessantes, oportunos e justificados. Tendo saído de Guimarães aos 16 anos, não me posso dizer frequentador das casas de espectáculos vimaraneses. Mas por um motivo ou por outro conheci-as: autênticas vergonhas e indiscutíveis rateiras.

Quando, um dia, para fazer uma conferência política, entrei no velho casarão do Campo da Feira, puseram-se-me os cabelos de pé, e eu pasmei da inconsciência com que, durante anos e anos, a cidade se prestou a encafiar-se naquilo...

O teatro, a-par da sua função artística, de divertimento, e da sua missão económica de fazer ganhar dinheiro, é um grande instrumento de convivência social e de solidariedade moral.

Se esta última função desce para plano secundário nos grandes meios — pela multiplicidade das casas de espectáculos, e pela constante modificação na paisagem dos espectadores, em terras pequenas como Guimarães, o teatro deve ser o lugar em que toda a gente se encontra e toda a gente se vê.

Encontrar-se e ver-se repetidas vezes é absolutamente indispensável para que se mantenha no agregado urbano uma certa unidade.

Desgraçadamente, a vida de relações em Guimarães está, de há muito, em crise aguda. Quando abalei daqui, há perto de quarenta anos, Guimarães era uma terra em que se convivia.

As famílias davam-se, e os salões abriam-se. Havia uma elite mundana brilhante, viva, animada, pitoresca que dava à vida social vimaranesa uma cor e um tom verdadeiramente interessantes.

Não sei que formiga branca entrou nesta terra, que, volvidos trinta anos, ao tornar a encontrar-me com Guimarães, vim verificar a ausência total dessa vida de relações.

A Atouguia levou muitos e guardá-los, ciosa, no silêncio impenetrável das suas leivas. Mas os que vieram depois d'esses? Mas os que ainda vivem e são do meu tempo? Que faz essa gente? Em que se entretem? Onde passa o tempo?

Há cafés — centros de pasmaceira; há barbearias; há mercearias; há boticas, e tudo isso retém e absorve as necessidades de convivência dos meus conterrâneos.

E' bem pouco; é tristemente bem pouco. Conhecem-se os homens; mas não se conhecem as famílias. E o que é absolutamente indispensável é que se conheçam as famílias, que se intercomunicam, para que desta terra pulverizada, ressuscite aquele Guimarães que eu ainda conheci, e constituia uma unidade, um forte bloco de vontades e aspirações.

O teatro-barracão, incómodo, perigoso, feio, sujo e frio não atrai ninguém. Mas o teatro cómodo, elegante, seguro, desafogado, bonito, limpo e confortável há-de ser, fatalmente, centro de atracção, foco de convivência — em que todos se vejam, se conheçam e acabem por estimar-se.

Foi a pensar nisto tudo que transpuz as portas do Teatro de Jordão, ontem à tarde.

Vi tudo. Analisei tudo. Sentei-me nas cadeiras. Entrei nas frisas e nos camarotes. Passei pelos camarins. Observei todos os pormenores de higiene e conforto, para artistas e público. Durante uma hora e tal, fui o inspector da nova casa de espectáculos.

E fiquei maravilhado! Corredores amplos; luz a jôrras; aquecimento garantido; elegância sobria; beleza — teatro que não deixará, sem dúvida, de ser dos melhores da Província, e não tem confronto, nas suas proporções, com os de Lisboa.

Conheço a história desta velha aspiração vimaranesa: centenas de artigos de jornais — nada; comissões sobre comissões — nada; subscrições tocadas ao piano, cantadas à guitarra — nada. E isto durante anos.

E de repente, por obra de milagre, por obra de prodígio, surge da terra, admirável nas suas linhas arquitectónicas, belo na sua significação, cativador na sua estrutura interna, lição magnífica para o Presente e para o Futuro — o teatro que ontem fui visitar, e Guimarães poderá, a toda a hora, mostrar ao bárbaro, com orgulho, com envaidecimento, desafiando todas as apreciações.

Quem operou o milagre? Quem operou o prodígio? Um homem que é na sua terra um Homem.

Com a sua vontade de aço, com a sua energia audaciosa e clarividente; com o seu espirito desempeirado; com o dinamismo sempre alertado da sua actividade, esse homem, sozinho, passando por cima de tudo e de todos, deu a Guimarães o que Guimarães há dezenas e dezenas de anos pedia e desejava, e nunca foi, por si, capaz de realizar.

O que uma cidade inteira, durante dezenas de anos, não teve forças para fazer — fê-lo um homem só, este homem que é, no seu tempo, e entre os seus conterrâneos, verdadeiramente singular.

Conheço, pessoalmente, o sr. Bernardino Jordão, há três anos. De nome e de vista, conheço-o, desde que me conheço a mim.

Criou-se Bernardino Jordão a fama de homem de negócios. Beneditos sejam os homens de negócios da sua natureza! Porque há homens de negócios e homens de negócios. Há os homens de negócios que só sabem olhar para si; e há os homens de negócios que fazem das suas facultades instrumento do Interesse colectivo.

Bernardino Jordão pertence a esta categoria. As suas qualidades de homem de negócios põ-las êle ao serviço da sua terra.

Tem ganhado muito? Dizem que sim. E ainda bem que tem ganhado muito. Aquele que acaba de dar à sua terra o monumento que ontem visitei soube, como pouquíssimos, transformar os benefícios da sua actividade fremeite, em benefício geral, na satisfação cabal e feliz, da velhíssima aspiração da sua terra.

Conheço-o, pessoalmente, há três anos. Devo-lhe a afirmação real dum simpatia espontaneamente prestada, e sem outra explicação que não seja a do excelente feito de quem ma prestou. Isso nada influi nem no meu juízo, nem no meu entusiasmo, ao gabar o novo teatro, porque, através duma longa vida passada mais entre cardos do que entre rosas, já dei provas indestrutíveis do que sou, e como sou.

Dizem-me que Bernardino Jordão está ou esteve preso a orientações políticas bem distantes da minha.

Não me interessa essa circunstância — em primeiro lugar, porque entendo, desde sempre, que do Cavaleiro para cá, só deve haver vimaranesismo. E se todos pensassem assim, bem diferente seria a situação de Guimarães, hoje. O que a tem prejudicado, o que a prejudica é a pulverização em que vive.

Em segundo lugar — o que me interessa em Bernardino Jordão não são os seus sentimentos políticos partidários, se os tem, mas sim a sua actividade social, a sua obra vimaranesa, a sua prodigiosa faculdade de iniciativa.

Deve-lhe Guimarães a luz que tem, a luz boa e barata que tem. É de lastimar é que o problema da luz se arraste de ano para ano, se transporte de Câmara para Câmara, emperrado, embaraçado, emaranhado não sei em que teias, não sei em que escrúpulos, não sei em que medos, não sei em que dificuldades, quando tão fácil era resolvê-lo, e em 24 horas, se se tivesse apenas em vista isto que é essencial: o concelho de Guimarães precisa de ter luz em toda a parte em que seja possível instalá-la, e o resto é secundário.

Deve Guimarães a luz boa e barata que tem, a Bernardino Jordão; deve Guimarães, agora, a Bernardino Jordão, o teatro magnífico que vai ser, brevemente inaugurado.

Porque temos luz e temos teatro, talvez se afigure a muita gente que o caso era fácil. O caso é fácil como tudo o que está feito. O difícil é fazê-lo. Bernardino Jordão é indiscutivelmente o taumaturgo leigo desta terra. É o feiticeiro que traduz em realidades tangíveis as linhas mais arriscadas do seu sonho.

Por Deus, senhores, aproveitem

Em nome da Comissão Concelhia da União Nacional veio à nossa redacção na passada segunda-feira, apresentar cumprimentos ao «Notícias de Guimarães» o nosso querido amigo e Ilustre Presidente da mesma sr. Dr. Fernando Aires que teve para o nosso jornal palavras amigas, através das quais com a maior satisfação pudemos conhecer a sinceridade e a justiça.

E' consolador verificar-se que numa terra onde os homens andam por vezes — diremos quasi sempre — afastados da imprensa, procurando desconhecer a sua missão e criar à sua volta as maiores dificuldades vão aparecendo de quando em vez autoridades e pessoas sobre as quais pesam as responsabilidades de orientar e dirigir, que procuram fazer a aproximação dos homens e a união de esforços, numa compreensão nítida e louvável, a bem dos interesses colectivos.

O nosso jornal agradece, pois, a honrosa visita do Ilustre Presidente da Comissão Concelhia da U. N. e na pessoa de S. Ex.ª saúda todos aqueles que fazem parte dessa comissão.

este homem! Aproveitem-no, ouvindo-o, e sendo-lhe gratos. Enquanto tantos dos seus concidadãos jogam a bisca ou o loto em família, ou gastam as horas às mesas dos botequins ou às portas dos estabelecimentos — este homem ferve de lado para lado, mexe-se, gasta-se, consome-se, não pára um segundo, para dotar a sua terra de coisas de que ela precisa.

Aproveitem as admiráveis qualidades deste homem, — a sua energia, a sua decisão, o seu desembaraço, o seu amor ao que vive e se transforma, e até os defeitos, senhores, por que os seus defeitos são os defeitos das suas virtudes.

Aproveitem-no; e sejam-lhe gratos, que é ainda, para êle, a melhor forma de o aproveitarem.

E convençam-se disto: quando Deus o levar, e oxalá que essa hora venha muito distante! — quando Deus o levar, os senhores verão a falta que êle faz. E não terão conta os remorsos dos que ainda não compreenderam que homens como Bernardino Jordão são raros, e que bem infelizes se podem considerar os que os não souberam aproveitar convenientemente.

Deu Bernardino Jordão a Guimarães, além do mais, a luz boa e barata que usufrui; deu Bernardino Jordão a Guimarães, o teatro magnífico que a envaidece justamente.

Que dá Guimarães a Bernardino Jordão?

Para começar — é preciso que no dia da inauguração do teatro, lhe encha a casa de flores, atroe o ar com palmas, e leve àquele coração cansado de tanta luz, mares de alegria, e a certeza duma gratidão profunda e eterna!

Quanto ao mais — não é comigo: é com as autoridades públicas do concelho. Certamente, a Câmara Municipal de Guimarães que tem à sua frente a pessoa modal do sr. Capitão José Maria de Magalhães e Couto há-de descobrir a forma elegante e eloquente de afirmar a Bernardino Jordão o reconhecimento de todo o concelho.

... Eu, homem a quem criaram a fama de azedo e pessimista — que contente que estou por ter motivos sérios para escrever estas linhas!

GUIMARÃIS, Casa da Madre de Deus, 19 de Outubro de 1938.

Está marcada, para domingo próximo, 30 de Outubro, a eleição dos novos deputados.

Sobre esse acto de tam transcendente importância para os destinos e para o futuro da actual situação política, pronunciaram-se já ontem, eloquentemente, os oradores da sessão de propaganda realizada no Salão de Gil Vicente.

Todas as revoluções trazem, consigo, uma série de transformações políticas e sociais que lhes dão um caracter próprio e marcante. A de 28 de Maio, feita contra os desvarios dos políticos de então, modificou a orgânica do Estado, dando-lhe uma maior coesão com o estabelecimento do regime corporativo e a reabilitação e a vitalização da Família e de outros elementos verdadeiramente estruturais da Nação Portuguesa.

E enquanto noutros países o Estado se proclama totalitário, no nosso país a pessoa humana, com seus direitos e seus deveres, é uma realidade viva e respeitável enquadrada no serviço da Colectividade, como o seu melhor e mais puro elemento.

Em cumprimento da nova Constituição política, vai ser feita a escolha dos novos deputados. E' certo que não há disputa visto que a lista patrocinada pela União Nacional é a única que se apresenta aos votos dos eleitores.

Mas, este facto, não deve influir para que a concorrência ao acto eleitoral deixe de ter aquele alto significado de que se deve revestir, tanto mais que êle constitui como que um acto plebiscitário a que a Nação não pode nem deve faltar, para poder marcar a sua atitude perante as realizações do Estado Novo.

Deste modo impõe-se naturalmente a todos os portugueses de boa vontade o dever de votar a lista da União Nacional organizada de maneira a dar ao Estado uma cooperação lial e proveitosa A Bem da Nação.

**JOSÉ PINTO RODRIGUES**  
ADVOGADO  
(no escritório do Ex.º Sr. Dr. António do Amaral)  
Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

### Um reparo

Pessoa amiga veio à nossa redacção para lavrar o seu protesto pelo facto de no Cemitério Municipal não haver em determinado dia da semana finda, à hora a que ali chegou um cadáver para ser sepultado, o pessoal bastante para proceder à inhumação, motivo por que tal serviço teve de ser feito por pessoas da família do morto.

Mais nos disseram que o caso a que acabamos de nos referir foi a repetição de muitos outros idênticos.

A ser verdade, como não nos custa a acreditar, é caso para juntarmos os nossos aos protestos da pessoa que nos procurou. Ao mesmo tempo pedimos que providências sejam tomadas.

*O' Santa da Humildade, ó Virgem Piedosa, Que choras abraçada aos pés do Redentor: Mulher eu nunca vi igual a Ti formosa, Nem olhos assim vi com tanta luz d'amor.*

*Eu ouço a tua voz dolente, harmoniosa, Repassada de pranto e de infinita dor Chorar por teu Jesus, ó Mater Dolorosa, Por teu divino Filho, o lívido Senhor.*

*Não sei porque, ao ver-te, a minh'alma estremece, De joelhos se prostra e ergue as mãos em prece, E quer beijar, também, as tábuas dessa Cruz.*

*Minh'alma pecadora, ó Virgem linda e pura, Quer ungir-se da tua imensa desventura, Salvar-se no Perdão dos olhos de Jesus.*

Outubro de 1938

DELFINO DE GUIMARÃIS.

### Farpas

#### O novo teatro

Anuncia-se para breve, para a primeira quinzena de Novembro, a inauguração solene do Teatro Jordão.

Vai ser um acontecimento notável esse, porque constitui a realização de um desejo já antigo do povo de Guimarães. Desejo que, apesar de tentativas várias, não ia além de umas vagas promessas ou de umas reuniões periódicas de pessoas de dinheiro, que se não abalçavam a essa empreza grandiosa, mas de futuro incerto quanto à garantia do juro do capital a empregar.

E' necessário que isto se diga, porque é a verdade. Bernardino Jordão, porém, não precisou de comissões, nem de reuniões, nem de garantias de juros. Viu que a construção de um teatro decente se impunha, porque, para vergonha nossa e dos vimaraneses endinheirados, Guimarães não ia além de um salão antiquado, que nos envergonhava, e que ostentava pomposamente, e só por escárnio, a tabuleta imprópria de Teatro Gil Vicente.

E o novo edificio ergueu-se, majestoso, a deslumbrar os nossos olhares que quasi não acreditavam no milagre que se ia operando. O Teatro Jordão é hoje, porém, uma consoladora realidade que, dentro em breve, se patenteará aos olhos de todos.

A sua inauguração constitui, por isso, um acontecimento notável e de grande júbilo. E porque é um acontecimento notável e bem vimaranesense, eu ousou sugerir que, no dia da inauguração, em homenagem ao homem de iniciativa que levantou o teatro e ao génio fulgurante d'esse vimaranesense que foi o criador do teatro português, sejam representados autos de Gil Vicente.

Amélia Rei Colaço e o elenco de admiráveis artistas que acompanham trará, até nós, os momentos inolvidáveis de arte e de portuguesismo que nos foi dado apreciar, há poucos anos ainda, junto do nosso Castelo, por ocasião das comemorações Gilvicultinas.

E assim teríamos, nesse dia, uma festa de pura arte e de puro baurrismo, porque nela se homenageariam dois nomes que ficarão sempre a marcar

na história de Guimarães: — Gil Vicente, o Mestre admirável dos Aitos; Bernardino Jordão, o homem empreendedor, de rasgada iniciativa, que deu um teatro, um belo teatro, à nossa terra.

São João das Caldas, 19 de Outubro de 1938. X. X.

### Críticas Pequenas

Fresquinho, a saltar, o terceiro volume das Lições de Linguagem, de Augusto Moreno.

Do mar sem fundo, em que Moreno navega na sua barca da Educação Nacional, arrancou em menos de um ano três bons cacifos de escolhidos peixes.

O saber lingüístico do grande Professor, as profundas lucubrações da sua filosofia no vasto campo da Gramática, o equilíbrio do seu julgamento na selva das opiniões, tudo nos aponta em Augusto o Mestre cada vez mais autorizado.

Neste precioso volume são em especial de mais alta admiração os seus estudos sobre o pronome se, a sua progressiva nomenclatura gramatical, a selecção das citações sobre o debatido problema da concordância na sequência ao dizer um dos que, as considerações relativas à locução a olhos vistos e, como assombro de bom gosto, o seu vasto minério em vocabulário onomatopáico e adjectivos relativos a animais.

Tam intenso é o trabalho de Moreno que ainda desta feita lhe não chegou o vagar para índice em termos. Coitadito! Dá-nos onze páginas de ordenação das matérias, apartadas só pela primeira letra de cada uma.

Valha-nos a Senhora da Pasciência, Moreno querido! As outras letras também são gente. Quere-se um índice minucioso, ordenado, completo, à altura do monumento de saber do Autor.

Ouro sobre azul seria este volume ter um índice, ideológico e completo, dos três volumes. Mais vagar e mais perfeição, Mestre queridíssimo!

G.

Mobílias — Vendem-se mobílias, 1 fogão, 1 bannheira e oleados. Falar no Largo do Trovador n.º 3. (163)



# ITINERÁRIOS

VII

Ao Dr. Américo Durão.

A' porta duma choupana de pedras tsnadas e sêcos limos, erguia-se do chão a esquelética andrajosidade de um velhorro, homem de forja, a que ouvira aluncar do *Pronóstico*, meio apóstolo — meio duende, um destes pitorescos védores singulares e filósofos místicos, que há por cada freguesia, tanto mais curiosos quanto de mais bárbara montezinhice. E como limpasse as lágrimas salobras ao canhão da véstia, Maria Teresa perguntou, de enleada:

— Chorava?  
— Em olhos de ferreiro, só migalhas de carvão ou chispas de brasa, minha rica senhora!  
Foi dentro por um banco de pau, e retornou, escancarando a janela, de padieira larga como balcão, a puxar os foles, de espevite ao lume da forja. Do antro, negrurioso como cova de cemitério, saía um cheiro acre de carvão e lama. Martelado na bigorna, o tóro de ferro sangrento estrelava faiscas.

— Vive sôsinho?  
— Já o homem nasce com mácula, ensinam lá na doutrina, que, mesmo lavada na pia do baptismo—digo eu agora—não o larga em vida nunca mais—e tanto que levanta-se e logo cai da contrição no pecado. Minha avó, dizia que a nossa mão direita anda o Anjo da Guarda, e, à sinistra, o Mafarrico. Mas eu antes acredito que nós trazemos um e outro cá dentro dos espíritos, quási manobrando sempre o Demónio, enquanto o Anjo... vela a face.

Sim, eu vivo sôsinho—como homem casado e pai de sete filhos. A mulher enfedelhou na cidade do Pôrto, numa loja de vinhos, casada com os fregueses de ocasião. Não lhe sabia a cõdea do ferreiro: mastiga a cõdea da miséria. Pobre dela! Os filhos e as filhas abalaram também: um é merceiro na Póvoa, feito de marçano, e, porque lhe atinou a sorte—não quer saber do velho, homem sujo no carvão da forja; outra é fidalga em Lisboa, destas, perdoe-me a senhorinha dona, que cantam e riem, vestidas de seda, e fedem a cheirinhos. Era bonita, guapa rapariga. Mandou o retrato à irmã—estoeirei-o aqui ao lume. Agora, escreveu a dizer que vinha cá pela Páscoa. Antes não venha. Seria um arraial de vergonhas. Comigo, só tenho a mais novica. Essa, vive em casa, ou, melhor dizendo—dá os bons dias, faz o caldo, manhá cedo, e vai—diz ela que servir—, e torna ao anoitecer.

— A Rosária?  
— A Rosária. Não admira que acertasse—tirou-a pela ponta do que lhe contei.  
— E' uma linda moça. E de bons modos, sêriazinha. Encontro-a às vezes, em recados, pelos caminhos. Vou falar-lhe quando a tornar a ver.

— Mercês. Ora aparecia aqui a senhora, neste mesmo instantinho, e tinha eu, de palerma, parafusado numa conge-minação tão real como estar aqui a escurecer-lhe a manhã, e foi por isso, valha a verdade, que a prendi na conversa. E' bem bonita a moça, sim, e eu, por me apanhar só mais ela, fiz quanto pude a desviá-la do caminho perigoso dos irmãos. Nunca a dor nos ossos me to-lheu de trabalhar. Tirava à bõca para lhe dar um bocado mais limpo de brõa, um fio de azeite no caldo, uma saíta de missa ou romaria. E de jeito, para a não espantar. Ah! mas o raio do sangue—que o Senhor me perdoe—o raio do sangue... o demónio que já estava no corpanzil da mãe; o demónio que, por força, mau pecado, me corre nas veias!... Entrou a enfeitar-se, a dar ais, no catre, pela noite fora. De-

pois, alegre como a cotovia. Até me falava de mais espaço, e sorria, tôda em alvorôco. Apertou-se-me o coração. Bateria como eu bato neste ferro, assim, as marteladas. Vai de emagrecer, e quedar triste. O mal estava feito. Dizem que é mal de amor. Sou velho. Mal de amor, o mal da vida... A rapariga anda pejada. Anda. Mas, tam brutinho, que vi tudo em advinhacão aziaga, e não me lembrei! Nós, os que queremos saber, é que não sabemos nada; queremos guardar, e damos; queremos salvar, e perdemos. Ter uma filhinha, dizia eu, uma boa rapariga, como tantas, pois não há?, com seu conversado, ora a dúvida!, em chegando a idade, e um dia nado de sol, no adro, toca para a bõda! Eu, a dançar a viola, à frente dos noivos—que me importava a mulher, que me importavam os outros filhos... A dançar a viola! E até já dansava, de ensaio, tonto de alegria com a lembrança... O arco de murta, confeitos, flores... Aleluia, *Pronóstico*, aleluia! Vingado da vida estava eu—e que se rissem, os parvos maus!

— E porque não será, ainda?  
— O lobo passou. Já não há no rebanho uma só ovelha. Quem quer a filha de tal mãe, a irmã dos irmãos? Venceu o Diabo, a minha alma suja, a alma suja da mulher no pobre corpinho inocente. E' o que me doi. A tantas, as mesmas falinhas doces não as requebram, nem o corpo lhes desfalece quando a mão passa atrevida... Mas, veja a senhora, o que havia eu de querer, agora? Não deixar fugir, como fugiram todos, e como ela já, também, embora viva comigo, aqui. E' uma esmolinha que lhe peço, boa senhora. Não direi uma palavra, e nada lhe faltará. Mas que tenha, nesta casa, a sua hora—e fique. E fique comigo. Se ladrarem as línguas, eu as calarei. Não há vergonhas: há filhos. Cada um sabe dos seus—se mesmo a gente sabe...  
(Continua).

Eduardo d'Almeida.

## Gazetilha

Como assuntos «capitais», falaram-nos os jornais de umas obras na cidade, mas em tal coisa não cremos porque todos entendemos nada disso ser verdade.

Sim, porque só abrir ruas, e deixá-las sempre nuas, deitando casas ao chão, leva-nos a perguntar aonde se há-de alojar a nossa população.

Abriu-se mais uma artéria e sempre uma coisa séria se há casas a demolir, deitar abaixo, é vulgar, mas muito custa a enxergar uma casa a construir!

Mas já dos tempos de dantes há coisas mais importantes, cá para a nossa cidade, do que avenidas traçar, como seja, água arranjar e tratar da sanidade.

Água temos, mas um fio, porque inda ninguém ao rio a pretendeu ir buscar, tam pouca para beber, é da gente estarrecer ao pretender-se lavar.

E se tivermos vontade de correr co'a sujidade que para aí anda aos molhos? E' uma ideia bem louvável, mas de resto impraticável, ninguém, para tal, tem olhos.

Quando chega um forasteiro sente logo um tam mau cheiro que não foge por um triz, são de tomar os perfumes, emanados dos cortumes, que sobem pelo nariz.

Mesmo a mulher mais bonita, que veste sempre catita e nas faces *rouge* emborca, se não andar bem lavada, com a fralda bem cuidada, não passará de uma porca.

Camara Daõ.

# Uma descoberta interessante

Uns amigos de Adolpho Bottin Polanco, distinto oficial da cavalaria espanhola, publicaram depois da sua morte um interessante livro de equitação por Ele escrito e intitulado «*El Noble Bruto Y Sus Amigos*» que tem muita graça, está bem feito e se lê com agrado:

Diz Ele logo no principio dêsse livro:  
«O cavallo é o irmão mais velho do homem. Apareceu na terra na época terciária formando estas duas espécies um único povo denominado Dos Centaurus — monstros que tinham metade do corpo com a forma humana e a outra metade com a de cavallo. Mais tarde separaram-se definitivamente.

O homem, especializado no crime e no roubo, precisou de ter as mãos livres para melhor desempenhar as suas funções e, porisso, adoptou a locomoção apenas nos membros posteriores ficando com as mãos no ar. O cavallo, para se dedicar às corridas e poder atingir maiores velocidades, preferiu ficar a fazer uso das quatro patas no chão.

Sobre os cavalos faz várias considerações e indica notabilidades de alguns. Refere-se a Pégaso que, muitos séculos antes de Cristo, inventou a locomoção aérea. Diz que Dario deve ao seu cavallo o trono da Pérsia. Cita um cavallo que conquistou a rainha Semiramis e Rocinante que foi tão feliz nos feitos gloriosos como infeliz nas aventuras amorosas.

Diz que Incitatus, cavallo de Calígula, conseguiu uma bonita carreira política chegando a ser cônsul e senador mas um senador discreto porque teve o bom senso de nunca falar. Considera também valorosa a acção de alguns cavalos em assuntos religiosos. Assim, S. Paulo, derrubado do seu cavallo quando uma luz intensa o cegou, foi conduzido por esse mesmo cavallo a Damasco onde prêgou a doutrina de Cristo que Ele até então guerreava e à qual se acabava de converter arrastando consigo muita gente. E, a ser verdade o que mostram algumas gravuras, deve haver no Céu muitos e bonitos cavalos, nos quais os anjos percorrem o espaço a cumprir importantes missões.

Bottin Polanco, sobre o homem saído dos Centaurus, sobre aquele que quis ficar com as mãos no ar para melhor poder roubar e praticar crimes, nada mais diz, deixando para nós o trabalho de tirar conclusões.»

Ora realmente, o que representam as conquistas do Poder e das terras que estavam occupadas empregando-se para isso a força das armas, a violência, o terror e audácia, matando, roubando, saqueando, praticando tôda a espécie de irregularidades e crimes? O que representam as falsificações feitas pelo interesse e que, por envenenamento, matam ou inutilizam muita gente?

Então essas terras e vidas não tinham dono? Não será isto matar e roubar? O que representam, afinal, as bem conhecidas irregularidades políticas, prendendo e soltando sem razão, coagindo juizes a dar sentenças contra a justiça e a consciência, cortando carreiras conquistadas por meio de cursos, de concursos, de provas públicas, à custa de muito trabalho, dos maiores sacrificios e despesas, para colocar nesses lugares os favoritos dos governantes ou os impostos por eles?

Hoje há o maior desejo de restaurar os monumentos antigos de harmonia com o estilo da época em que foram construídos. E assim como se procura educar o gosto e orientar a arte, construindo e restaurando edificios e monumentos

# Hino Jordão

O distinto professor sr. Silva Paranhos compôs uma interessante música a que deu o titulo de *Hino Jordão*, que se destina a glorificar a grande iniciativa do prestante cidadão que fez construir em Guimarães o novo teatro que se designa pelo seu nome.

A letra do hino em referencia é da autoria do nosso prezado colaborador sr. Delfim de Guimarães, que assim também se quis associar à justa homenagem.

A letra é a seguinte:  
O' Guimarães, ao teu filho adoptivo,  
Que dentro d'alma temos como irmão,  
Abraça-o ao teu peito forte, altivo,  
E dá-lhe ó nossa Mãe, teu coração!  
O' terra ó nossa Mãe, Senhora-Pura  
Da nossa Santa Pátria e Devoção,  
Que seja no teu seio, à tua altura,  
O teu filho querido, o teu Jordão!

CÓRO  
Arriba! Arriba! o nosso peito,  
Arriba! Arriba! é sempre grato,  
A quem ergueu soberbo Feito,  
Obra imortal — o seu Teatro!

Terra que tens, no alto a linda Penha,  
Nosso Monte soberbo e sem igual:  
Que a tua alma nos mostre e sempre tenha  
Terra de nossas Mães, de Portugal,  
No teu ardente sol, esplendoroso,  
Tôda a alta beleza e gratidão!  
Do filho teu amado e generoso,  
Do nosso sempre grato e nobre irmão!

CÓRO  
Arriba! Arriba! etc.

O autor da música compôs o hino a uma só voz e com acompanhamento de Banda, que nos dizem ser de um belo efeito.

Sabemos que a Banda dos B. V., desta cidade, ensaiou o referido hino sob a direcção do seu autor e que o Orfeão de Guimarães já iniciou, também, os seus ensaios.

## A CARNE

A propósito do que dissemos no nosso último número, por motivo duma carta que nos foi enviada, fomos procurados pelo distinto vereador sr. dr. Castro Ferreira e pelo digno veterinário Municipal, que nos deram alguns esclarecimentos pelos quais nos foi dado verificar que a tabela aprovada pela Ilustre Vereação satisfaz plenamente, visto que a carne em Guimarães se está agora a vender pela mesma tabela que vigora nos concelhos de Braga, Barcelos, Famalicão, Fafe, etc., e até mesmo por preços um pouco inferiores aos de algumas destas localidades.

Isso constatamos por tabelas que os referidos senhores nos mostraram. O facto de em Amarante, por exemplo, os preços serem inferiores, nada significa, porque se trata de um talho isolado que, baixando a tabela, procura somente fazer concorrência.

O público vimaranense beneficiou, pois, tendo a Câmara defendido os seus interesses.

Lêde e propagai o «Noticias de Guimarães»

nos moldes da sua época, também na humanidade se está agora a tentar educar os novos e restaurar os velhos de forma a poderem representar dignamente o nosso illustre avô saído dos Centaurus.

A escola está a funcionar recompensando-se com bons e rendosos lugares aqueles que manifestarem aptidões para seguir, com os devidos aperfeiçoamentos, as tendências que caracterisaram aquele nosso saudável antepassado e pondo-se à margem, maltratando e atirando para a miséria, os que manifestarem firmeza de carácter e se não prestarem a praticar irregularidades.

Os primeiros são felizes, vencem e são considerados esportos. Os segundos morrem de miséria ou nas cadeias, são ridicularizados e considerados uns degenerados. E Deus que condena o mal e premeia o bem, assiste impassível, por meio dos seus representantes cá da terra, a todos estes erros, injustiças e maus ensinamentos desta péssima escola que oficialmente funciona e que não segue os princípios indicados na sua doutrina.

# PEDIDOS QUE NOS FAZEM O Horário dos Liceus

De um prezado assinante, que é ao mesmo tempo um devotado amigo de Guimarães, recebemos uma carta muito amável, na qual faz justiça à orientação dêsse jornal, mas achando, por outro lado, que temos sido pouco persistentes no que se refere ao problema da luz, que diz continuar ainda sem solução a-pesar-do tempo destinado ao estudo dêsse assunto já ser mais que suficiente.

Alega o signatário dessa carta que os consumidores estão a ser prejudicados nos seus interesses, uma vez que a firma B. Jordão, Filhos & C.ª comunicou à Câmara, há já tempo, que faria o preço ao kw. de 1\$20.

Estas e outras considerações, que constam da referida carta, obrigam-nos a chegar à conclusão de que continua a existir nos consumidores a melhor vontade de verem definitivamente resolvido o problema da luz, com municipalização ou sem ela. Por nossa parte também entendemos que assim deve ser, motivo porque tomamos a liberdade de chamar para esse assunto a esclarecida atenção da ex.ª Câmara e ex.ª Conselho Municipal, entidades das quais depende a solução desejada.

Sobre as vantagens ou desvantagens de um ou de outro processo, isto é, da municipalização ou da concessão, somos da mesma opinião de tôdas aquelas pessoas que põem tudo de parte para atenderem à defesa dos interesses dos consumidores, que só preferirão a municipalização se esta os beneficiar mais do que a concessão, o que até à data se ignora.

Desligados de quaisquer interesses, assim como de influências particulares ou officiais, preferimos o melhor que puder ser e quanto à demora fazemos votos para que ela não seja muito mais prolongada.

E depois de satisfeito este pedido, vamos atender outro de pessoa igualmente empenhada no progresso desta terra e que consiste em pedir providências quanto ao que se passa nos terrenos que estão em volta da encravada construção do novo edificio dos Paços do Concelho, diáriamente destinados a côraduros públicos, onde se vê tôda a casta de farrapada e outras *semelhanças*.

Também a mesma pessoa nos falou do escrúpulo que deve haver na aprovação de plantas para a construção de prédios, especialmente quando construídos em lugares como as novas Avenidas que vão dar aos novos Paços do Concelho, a dos Combatentes da Grande Guerra e outras.

E attendidos, desta forma, os pedidos acima referidos, desejamos que tudo se harmonize dentro do que fôr de direito e de justiça. Continuamos a não ter outra preocupação que não seja a de bem servirmos a nossa querida terra.

Tudo por ela, pois!  
Dr. Alfredo Bravo  
Médico Dentista  
TOURAL (164)  
Retomou a clinica.

Ora eis aqui tudo confirmado. Confirmado, informado... e negado; para ser, mais uma vez, reconfirmado, re-informado e... renegado. Formas singulares, estas, de liquidar assuntos.

Vieram, o ano findo, diversos pais de familia reclamar contra o horário estabelecido no Liceu. Esse horário mantem-se, este ano, o mesmo do ano findo. Informam — informação que não dizem ser de pais de familia, quem tal reclamação tornara pública —, que a suggestionada mudança de horário não beneficiaria os alunos do Liceu, que vivem distantes da sede, porque estes chegam a Guimarães, em *camionete* ou em combóio, às 8 e às 9: «Principiando — ora acrescentam (fazendo de nós o *Zé olha o balão*) —, as aulas às 8,30 ou os faria esperar, inutilmente, ou não chegariam às mesmas.» Mas — com um raio de diabos! —, como é que se faria esperar às 8 quem chega às 9, ou não chegar às 8,30 quem, de facto, só chega às 9? Mas, *também logo informaram*, que puderia haver um ou outro caso diferente...

As lutas da consciência com a teimosia, o pé batido, o eu mando e quero, devem, em verdade, ser horrorosamente angustiosas e delirantes. Há repostas... A's vezes, o calado é o melhor.

Esse admirável servicinho das *camionetes*, com seus horários, e dos combóios, com sua pontualidade, é mesmo um brinco de lógica. Sim. Mas o caso... é que os pais dos alunos, que moram distantes, pudessem, todos eles, e tôdas as manhãs, ter prontinho o dinheiro para a camionete e para o combóio; ou que esse dinheiro lhes não fizesse falta para outras urgências da vida. E será possível, mesmo com impossíveis sacrificios, a todos? ou é o Liceu exclusivo das castas favorecidas pela fortuna?

Singular é, porém, que inventem combóios e *camionetes*, donde... esperamos ainda as possa haver em dias futuros. Onde pode tomar a camionete ou o combóio um aluno da Corredoura, ou do Pevidém? A quantos metros de distancia? E nós citamos essas localidades... Ainda nos bons dias que passaram... Mas — quando vier, se vier, o inverno? Como deve ser agradável discutir estas pequenices no conforto da casa bem agasalhada!

Frisaremos, todavia, que essa é apenas uma parte, e muito restrita, da nossa argumentação quanto ao excessivamente matinal horário do nosso Liceu. Argumentação que vamos reproduzir — no interesse público, que muito nos preocupa —. Do que se passa, o que inferimos, contra-nos. A resposta dada mostra-nos bem o fundo das coisas. Mas a verdade é como a gota de azeite, que vem sempre à tona da água.

Isto diremos nós que temos sempre espaço e tempo, não para desperdiçar, mas para pôr ao serviço dos juvenzinhos, filhos da nossa terra e herdeiros da nossa Pátria!

## Legião Portuguesa

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte:

Comando Distrital de Braga — Delegação Concelhia de Guimarães —

### CONVOCAÇÃO

Por determinação do Ex.º Sr. Senhor Delegado Concelhia da Legião Portuguesa, em Guimarães e para cumprimento de ordens superiores, são convocados todos os legionários do Batalhão n.º 13, que possuem «Cadereta de Contribuição de Legionário» a comparecerem no proximo dia 23 do corrente, pelas 10 horas, neste Quartel, fazendo-se acompanhar das respectivas cadernetas, para lhe ser passada a revista pelo encarregado da verificação das mesmas.

As faltas têm que ser justificadas de harmonia com o Regulamento Disciplinar da Legião Portuguesa. Guimarães e Secretaria da Legião Portuguesa, 15 de Outubro de 1938.

O Chefe da Secretaria,  
a) A. Renato da F. Moreira.  
Comandante de Lança avo.

## Falta de espaço

A falta de espaço que vimos sentindo em todos os números do «Noticias de Guimarães», impossibilita-nos, mais uma vez, de publicar diverso original já depois de composto: sueltos, artigos, correspondência das aldeias, anúncios, etc.

Do facto pedimos desculpa aos nossos colaboradores e aos nossos anunciantes.

## AGRADECIMENTO

A familia do inditoso Carlos Ferreira Martins vem, por este meio, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, agradecer encarecidamente a tôdas as pessoas que a acompanharam em tão grande dôr.

Para tôdas as pessoas que durante os últimos tempos de vida do nosso muito chorado Carlos por ele se interessaram vai, também, o nosso eterno reconhecimento.

(159)

A. C. M.



# desporto Falecimentos e Sufrágios

### A visita do «Sporting Club de Braga» — Um jogo de Reservas que cal no agrado — O grande desafio da Categoria de Honra — Deslises de uma arbitragem.

Para a 2.ª jornada do Campeonato Distrital em foot-ball, a cidade de Guimarães recebeu em visita as categorias de Honra e Reserva do «Sporting Club de Braga», que, pelas 14 e 16 horas, se defrontaram com iguais categorias do Vitória.

O campo registou uma regular eufórica, se bem que em nada fosse comparada com as dos anteriores. O primeiro jogo fez apresentar a categoria de Reservas, tendo tomado o comando da partida o sr. João Passos, do Colégio Bracarense de Arbitros. O Club local apresentou a seguinte formação: Machado; Machado e Armindo; Oliveira II, Oliveira I e Eduardo; Teotónio, Vitorino, Lameiras, Costa (28) e Bólsas.

Dado início ao jogo, o team vimaranense logo mostra superioridade sobre o seu antagonista e só por muito azar não marca nos primeiros minutos. O domínio territorial accentua-se cada vez mais da parte dos arsenistas, vendendo-se a turma bracarense obrigada a conceder vários cantos. Na marcação de um deles, Costa tem um formidável toque de cabeça que leva o esférico às redes de Lima, entrando a contar. Levada a bola ao meio do terreno, os bracarenses não suportam o ímpeto desconcertante da linha dianteira local, pelo que veem-se forçados a um estenuante trabalho de defesa. Lameiras tem ensaiado bons pontapes, devendo-se-lhe a marcação do 2.º e 3.º goals (este último de penalty).

No 2.º tempo, a toada de jogo não modificou e assiste-se a uma boa combinação da parte dos avançados do Vitória. Lameiras, no centro, continua a fazer-se realçar pelos bons remates dirigidos às redes. A ele se devem a marcação do 4.º goal e o bom aproveitamento de uma grande penalidade para a obtenção do 5.º ponto. Braga tenta reagir e, quasi a findar, consegue o seu ponto de honra.

Este desafio deixou muito boa impressão em todos quantos o presenciaram, não se regateando elogios aos dianteiros vimaranenses, que mostraram possuir um belo entendimento.

A's 16 horas, teve lugar o segundo desafio, sob a arbitragem do sr. Jorge de Vasconcelos, de Braga.

A expectativa mostrou-se serena quando os dois grupos deram entrada em campo, primeiramente o Sporting e depois o Vitória, que apresentou a seguinte linha: Elísio; Alberto Augusto e João; Mário, José Maria e Lino; Rodrigues, Pantaleão, Clemente, Virgílio e Bravo.

Escolhidos os terrenos, a linha dianteira dos bracarenses entra de jogar com todo o gaz e, logo de entrada, obriga a defesa vimaranense a várias intervenções. Decorridos poucos minutos, o team visitante consegue marcar o seu primeiro goal, que teve como resposta um outro marcado por Pantaleão. Segue-se-lhe Laureta com um potente remate que deixa Zeca surpreso, e imediatamente após um outro de Clemente que foi invalidado pelo árbitro sem que podessemos saber das razões que a tal o levaram, muito embora se venha alegar uma apitadela que ninguém ouviu e anterior à marcação do referido goal.

Os vimaranenses apertam o adversário no seu terreno, obrigando-o a conceder uma grande penalidade que A. Augusto transforma a contar o 3.º goal.

Na segunda parte, que foi jogada menos em força, os bracarenses tem oportunidade de furar melhor a meia-defesa local, aproximando-se muito das redes de Elísio que, a-pesar de atento, não se furta ao desaire de ver as suas malhas tocadas uma vez mais. Vale ao Vitória a boa acção da sua linha dianteira que não se faz demorar em empostar condignamente. Pantaleão, com um soberbo remate, bate Zeca, de modo a firmar a superioridade do seu grupo, e, quasi a findar, Clemente consegue fazer oscilar o marcador para a conta dos 5.

Estava terminada a grande partida, que teve de características especiais a velocidade e sem outros quaisquer alindamentos.

A arbitragem do sr. Jorge de Vasconcelos pôs à prova a opinião formada de há muito acerca dos representantes do Colégio Bracarense. Só confessando que tivesse perdido a cabeça, no-la justificaria. Em campo foi um adversário de respeito, primando pela marcação dos fouls que as regras não especificam e cortando avançadas que beneficiaram em tudo o infractor. Virgílio foi uma vítima de um critério seguido, para maior realce da liberdade conferida a alguns dos players da cidade dos arcebispos.

Confessamos que o sr. Jorge de Vasconcelos não está à altura de comandar jogos desta natureza, já pelas afinidades que o ligam ao Sporting de Braga, já pela falta de imparcialidade de que anda revestido.

De fato, podia ter dado origem a um conflito entre as duas cidades que há duas épocas procuram entender-se o melhor possível nas coisas do Despor-

### D. Maria Gracinda de Freitas Pimenta

Confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja e rodeada dos carinhos de seus filhos que foram dumha dedicação extrema, finou-se na madrugada de terça-feira na sua casa de Roriz (Negrelos), concheiro de Santo Tirso, a sr.ª D. Maria Gracinda de Freitas Pimenta, que contava 76 anos de idade e era possuidora de primorosos predicados. A extinta era mãe extremosa dos nossos prezados amigos e concei-



D. Maria Gracinda de Freitas Pimenta

tuados comerciantes e industriais nesta cidade, srs. Alberto Pimenta Machado e António Pimenta, das sr.ªs D. Helena e D. Emília de Freitas Pimenta Machado e dos também nossos amigos srs. José, Luis Gonzaga e Joaquim Pimenta Machado.

Não só na referida freguesia e redondezas, mas também nesta cidade, a extinta era muito estimada, motivo porque a sua morte foi muito sentida.

Sufragando a sua alma, seus filhos os nossos amigos srs. Alberto Pimenta Machado e António Pimenta, mandaram distribuir donativos às Casas de Caridade de Guimarães e com o mesmo fim recebemos do sr. Alberto Pimenta Machado a quantia de 100000 para os nossos pobres, em nome dos quais agradecemos e elevamos preces a Deus pelo eterno descanço da bondosa senhora.

O seu funeral constituiu uma grande e significativa manifestação de pesar e effectuou-se na quinta-feira, às 10 horas, saindo o prestito fúnebre da residência da extinta para a Igreja Paroquial onde foram resados com a assistência de mais de 30 eclesiásticos, os officios fúnebres.

No imponente prestito tomaram parte mais de um milhar de pessoa, vindas de vários pontos do País: de Guimarães, Pórtó, Braga, Póvoa de Varzim, Cabeceiras de Basto, Arco de Baulhe, Fafe, Felgueiras, Negrelos, Riba d'Ave, Famalicão, Vizela e outras localidades — eclesiásticos, irmandades e confrarias, médicos, advogados, officiais do exército, proprietários e capitalistas, industriais e comerciantes, empregados do comércio, operários das fábricas dos srs. Alberto Pimenta Machado e António Pimenta, etc. etc. representantes da Associação Commercial e Industrial, do Sindicato Agrícola, Presidente da Câmara, Conselho Municipal, União Nacional, Legião e Mocidade Portuguesa, Bombeiros Voluntários, Mêsda da Irmandade de S. Torcato, Conferência de S. Vicente de Paulo e muitas outras entidades e corporações de que nos foi impossível tomar nota.

A's 10 horas precisas o rev. Miguel Ferreira Sanches, abade de Roriz, procedeu ao levantamento do cadáver e após a encomendação foi o mesmo trasladado para a igreja. Atraz do caixão o neto da finada sr. António Alberto Pimenta Machado conduzia a chave da urna e seguiam-se as centenas de pessoas e corporações. Algumas pessoas conduziam formosíssimas coroas e bouquets de flores naturais e artificiais, com as seguintes dedicatórias:

— Recordação eterna e sentida homenagem da Fábrica do Rio Vizela.

— Com estas flores vão as lágrimas,

trazendo dissabores e aborrecimentos que não dariam lucro a ninguém.

— E anda o alto organismo federativo a pugnar pela seriedade do desporto, votando regulamentos tendentes a acabar com os abusos sem conta dos jogadores e árbitros!

Hoje, 23, deslocam-se a Fafe as duas categorias do Vitória Sport Club para defrontar-se com iguais categorias do Sporting Club de Fafe, em 3.ª Jornada do Campeonato.

A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, desejando facilitar a deslocação dos desportistas vimaranenses, à semelhança dos anos anteriores, organiza um comboio especial a preço reduzidíssimo.

Conhecendo-se o valor do adversário, na classificação posto a par do grupo vimaranense, aguarda-se que uma grossa falange de adeptos do Vitória acorram a Fafe para incitar o favorito da mais alta prova da competição regional.

mas sentidas e a salidade infinda dos seus amiguinhos Maria Constança, Maria Amélia e Domingos António.

— Saúde infinda de seus filhos Ana e Alberto Pimenta Machado.

— Recordação do pessoal da Fábrica de Vila Pouca.

— Como homenagem de salidade à mãe do seu chefe os empregados das Casas Alberto Pimenta Machado.

— Eterna salidade de seus filhos Zara e António Pimenta.

— Salidade eterna de seus filhos Angélica e Manuel.

— A sua sempre chorada e querida madrinha o seu neto Zeca.

— De seu filho José.

— A querida avósinha homenagem saúdosa de seus netos António, Alberto, João e Luis.

— Último adeus de sua filha Helena.

— A sua muito saúdosa e querida avósinha os seus netos Maria Amélia, António e Alberto.

— A sua querida avósinha os netos Maria Amélia, José e Luis Pimenta Machado.

— Salidade eterna de seu filho Joaquim Pimenta Machado.

— Com a mais viva salidade última homenagem dos seus amiguinhos Domingos e Sallate.

Chegado o extenso cortejo à igreja, deu-se início às solenes exéquias a que presidiu o rev. Miguel Sanches, ladeado por mais de 30 eclesiásticos.

Pouco depois das 12 horas, após a missa de Requiem e os officios fúnebres, organisou-se de novo o cortejo sendo o cadáver trasladado para o Cemitério, onde se procedeu à soldagem do caixão e seguidamente à inumação do cadáver em jazigo de família.

Nesta altura usou da palavra o sr. Capitão Duarte Fraga, amigo íntimo da família dorida, que pronunciou um breve discurso que, por falta de espaço, só publicaremos no próximo número.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, amigo íntimo da família dorida.

Notas — O funeral esteve a cargo dos conceituados armadores srs. Eugénio & Novais.

O sr. Alberto Pimenta Machado, sufragando a alma de sua saúdosa mãe, mandou distribuir os seguintes donativos:

Asilos de Mendicidade da Misericórdia, S. Francisco, S. Domingos e Santos Passos, 100000 a cada; Creche da V. O. T. de S. Francisco, Asilo de Santa Estefânia, Oficinas de S. José, Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens), idem (Senhoras) e Casa dos Pobres, 100000 a cada, Bombeiros Voluntários, idem; Pobres protegidos pelo «Notícias de Guimarães» idem, idem do «Comércio de Guimarães» idem, idem do «Primeiro de Janeiro».

— A missa do 7.º dia por alma da saúdosa extinta celebrará-se amanhã, segunda-feira, às 9 horas, na igreja paroquial de Roriz.

— Entre as muitas representações no funeral, foi-nos possível tomar nota das seguintes:

O sr. Capitão José Maria P. L. de Magalhães e Couto, representava a Câmara Municipal e o Sindicato Agrícola de Guimarães; Silvino Alves de Sousa, Associação Commercial e Industrial; Dr. Fernando Aires, a Comissão Concelhia da U. N.; srs. Francisco Laranjeiro dos Reis seu pai o sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, Capitão Duarte Fraga, Francisco de Faria, Francisco Gonçalves da Cunha, Raúl Ferreira e José Machado da Silva, de S. Martinho do Campo, Bento Machado o seu pai o Dr. Augusto Machado, de S. Martinho do Campo, Idalino Machado Leite de Faria Almeida, Manuel Afonso da Silva, Eduardo Pereira dos Santos, Capitão Manuel Henrique de Faria e a firma Ribeiro & Martins, Manuel A. Barreira, Guilherme Augusto Barreira, rev. Augusto Borges de Sá, João António Sampaio, Alvaro Ferra a Agência do Banco Nacional Ultramarino, João Eduardo de Oliveira Mota seu pai Eduardo Lemos Mota, Raúl Rocha a firma Freitas Pereira & C., Alberto Torres de Figueiredo, do Pórtó, o sr. Conde de Vizela, Abel de Freitas Soares o sr. Manuel Gouveia, do Pórtó, Fernando Setas a firma Bento dos Santos Costa & C., Lda., José dos Reis Teixeira, António da Costa Carneiro seu pai José da Costa Carneiro, João Teixeira de Aguiar a Direcção da Casa dos Pobres, P.º Américo Roberto Martins Freitas Oliveira Santos o sr. P.º Santos Silva, de Singeverga, Alberto Gomes Alves a firma Joaquim Marques Pinto & Irmão, do Pórtó, Francisco José Lopes Correia & F.º, do Pevidém, Gaspar Ferreira Paúl o sr. Dr. João Martins de Freitas, Dr. Leopoldo Martins de Freitas as Oficinas de S. José, Augusto Joaquim da Silva seu pai o sr. Manuel Joaquim da Silva, José da Silva Martinho seu pai o sr. Francisco da Silva Martinho, das Taipas, José Mendes Ribeiro o João Mendes Ribeiro, José Bastos Henriques, do Pórtó, a Fábrica de Branqueação e Acabamentos, Lda., da mesma cidade o sr. António dos Santos Henrique Rosa, Ernesto dos Santos Pontes, a firma Perez Ferreira & C., de Lisboa, Amadeu C. Penafort a Sociedade de Importação Henrique Thuman, do Pórtó, João dos Santos Ferreira, do Pórtó, Associação Industrial Portuense e a Empresa Industrial de

Santo Tirso, Lda., Alberto Augusto Pinheiro a Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens), Benjamin Pereira dos Santos seu pai o sr. António Virgem dos Santos, Pedro S. Carvalho o sr. António Soares Barbosa de Oliveira, Pedro Nunes de Freitas o seu pai sr. Pedro da Silva Freitas, etc. etc.

Achavam-se também representadas, entre outras, as seguintes fábricas: Fábrica de Fiação e T. Rio Vizela, Lda., Empresa Fabril de Loredelo, Lda., Empresa Fiandeira de Loredelo, Lda., Alberto Rodrigues Figueiredo & Filhos, Albino Gomes & Marinho Sucrs., Fábrica de Fiação e Tecidos do Cavalinho, Fábrica de Vila Pouca, Fábricas Textil de Vizela, Lda., A Mercantil de Negrelos, Empresa Fabril Povoense, Lda., Empresa Industrial do Vale do Ave, Lda., etc. etc.

O Director do «Notícias de Guimarães», representava o nosso prezado camarada sr. João de Deus Pereira e o sr. Antero Henriques da Silva sócio da Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Lda.

A toda a família enlutada e especialmente aos nossos queridos amigos srs. Alberto, António e Luis Gonzaga Pimenta Machado, apresenta o «Notícias de Guimarães» os seus cumprimentos de sentidas condolências.

### José da Silva Guimarães

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortado com os sacramentos da igreja, finou-se ao fim da tarde de domingo, na sua residência à rua de Santo António, rodeado por sua dedicada filha e genro e outras pessoas amigas, o antigo e respeitável industrial e comerciante sr. José da Silva Guimarães, que contava 72 anos de idade e merecia das suas qualidades de trabalho e carácter era geralmente estimado no nosso meio.

O extinto lutava, há bastantes meses, com uma terrível enfermidade que dia a dia lhe ia minando a existência, tendo sido baldados todos os esforços empregados pela medicina.

O sr. José da Silva Guimarães era irmão do sr. Manuel da Silva Guimarães, pai extremo do sr. D. Maria da Conceição Silva Carvalho, sogro do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Amadeu da Costa Carvalho e tio dos também nossos prezados amigos srs. António Silva e João da Silva Guimarães.

Desempenhou lugares de destaque em algumas corporações vimaranenses, tendo sido durante muito tempo provedor da Santa Casa da Misericórdia, membro da direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães, etc. Fez parte, também, da Comissão que em 1906 deu início às Festas da Cidade ou Festas Gualterianas.

Na indústria e no comércio labutou com a maior energia e competência, tendo sido sócio fundador das importantes firmas Eduardo & Silva Guimarães e Silva Guimarães & C.ª.

A sua morte foi muito sentida. O funeral teve lugar no templo da V. O. T. de S. Francisco na passada terça-feira, tendo tomado parte nas homenagens fúnebres muitas pessoas de todas as posições sociais, instituições de beneficência, corporações religiosas, Bombeiros Voluntários, Direcção do Vitória Sport Club, Direcção da Associação Commercial e Industrial, Legião Portuguesa, representantes do Conselho Municipal e da União Nacional, etc. etc.

O cadáver do saúdoso extinto achava-se encerrado num luxuoso atáide e foi, após as cerimónias religiosas, trasladado em auto-funérario e com grande acompanhamento para o Cemitério de Atougua, onde ficou inhumado em jazigo de família.

A chave do caixão foi entregue ao sobrinho e ex-sócio do extinto sr. António Silva.

A filha e genro do saúdoso extinto em sufrágio da sua alma mandaram distribuir os seguintes donativos: Creche da V. O. T. de S. Francisco, 300000; Asilo de Santa Estefânia, idem; Asilo de Mendicidade dos Santos Passos, idem; Oficinas de S. José, idem; Conferência de S. Vicente de Paulo (homens), 150000; idem, (senhoras) 150000.

A toda a família enlutada e especialmente ao sr. Amadeu da Costa Carvalho e a sua ex.ª esposa, apresentamos as nossas condolências.

### Carlos Ferreira Martins

Na igreja da V. O. T. de S. Francisco, rezou-se na terça-feira passada e com numerosa e selecta assistência, entre a qual se viam a família enlutada e muitas pessoas das suas relações, instituições beneficentes, Sindicato N. dos Empregados do Comércio, etc., a missa do 7.º dia por alma do indito Carlos Ferreira Martins.

O Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio (Secção de Guimarães), manda celebrar hoje, às 11 horas, na Basílica de S. Pedro, uma missa por alma do indito Carlos Ferreira Martins, tendo feito convite aos seus sócios para esta homenagem fúnebre.

Do sr. Manuel C. Martins, extremo pai do chorado Carlos Ferreira Martins, recebemos, em sufrágio da sua alma, a quantia de 20000 para os nossos pobres, tendo sido contemplados 4 a 5000 cada e em nome dos quais agradecemos.

### D. Amélia da Conceição Ribeiro de Sousa

Na sua residência à rua da República finou-se no dia 15, após demor-

## UMA CARTA

O sr. dr. José Pinto Rodrigues, illustre Presidente da Direcção do Vitória Sport Club, enviou ao «Correio do Minho» o que a seguir se publica:

Ex.º Sr. Director do «Correio do Minho»

No u.º de hoje desse jornal vem publicado, na secção desportiva, sob o título «Arbitragem», um artigo cujo conteúdo pode induzir em erro o leitor desprevenido.

Veuhlo, porisso, na qualidade de presidente da direcção do Vitória, nesse artigo insidiosamente atingido, rogar a V. Ex.ª o obséquio de dar publicidade ao seguinte:

— Depreende-se de certa passagem desse artigo que o sr. Jorge de Vasconcelos teria devido à exclusiva assistência do sr. Capitão Leão, digno Presidente da A. F. de Braga, e do sr. Chefe Vieira, da P. S. P. local, o regressar a essa cidade sem haver sido molestado.

Isto não é verdade. Alguém mais acompanhado aquele árbitro: a minha humilhada pessoa, que nunca o abandono desde os últimos instantes do encontro até que, decorridas cerca de duas horas, ele se foi embora. Ocultar deste modo um facto que foi de tão expressiva evidência, é extremamente incorrecto, para me servir de um eufemismo.

Do Campo de Beullevai o aludido árbitro foi, a pé, pela rua de Paio Galvão, então ainda movimentadíssima (e sem que houvesse, por parte de uma entre tantas centenas de pessoas, qualquer gesto de agressão) em direcção à sede do Vitória, onde se conservou até ao regresso dos srs. delegados da Associação ao jogo, perfeitamente à vontade e tratado com todas as deferências e a devida consideração.

A melhor testemunha de que affirmo será o próprio sr. Jorge de Vasconcelos.

Tão verdadeiro como a insinuação contida na passagem a que acabo de fazer reparos é a de ter sido invadido, findo o encontro, o Campo, por pessoas apostadas em agredir o mesmo sr.

Finalmente, permitiu-se «Um árbitro do Colégio», exortar os dirigentes do «Vitória», ao cumprimento de deveres que eles sempre muito prezaram.

Repelimos a torpeza do anónimo cavalheiro.

Agradecendo desde já a fineza da publicação desta carta, subcrevo-me

De V. Ex.ª

a) José Pinto Rodrigues.

rados sofrimentos e confortado com todos os sacramentos da igreja, a sr.ª D. Amélia da Conceição Ribeiro de Sousa, esposa do proprietário sr. Albano Pires de Sousa e mãe do sr. Manuel Ribeiro Pires de Sousa e da esposa do sr. António José da Silva Guimarães.

O seu funeral effectuou-se na segunda-feira, às 11 horas, na capela da V. O. T. de S. Francisco com a assistência de diversas pessoas das relações da família e instituições de beneficência.

Após a missa do corpo presente o cadáver que se achava encerrado num atáide de veludo preto, foi trasladado em auto-funérario e com numeroso acompanhamento para o Cemitério de Atougua.

A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

### António José Ribeiro Rodrigues Marques de Abreu

Conforme noticiamos, finou-se no penúltimo sábado, vítima de um desastre, o desventurado mançebo sr. António José Ribeiro Rodrigues Marques de Abreu, extremo filho do nosso prezado amigo e estimado industrial e proprietário sr. Adelino Ribeiro de Abreu, da Casa de Lourido, S. Martinho de Candoso.

O seu funeral effectuado na manhã de segunda-feira passada constituiu uma grande manifestação de pesar a que se associaram algumas centenas de pessoas daquela freguesia e redondezas, bem como desta Cidade e de outras localidades.

Após as cerimónias fúnebres celebradas na igreja paroquial com a assistência de vários eclesiásticos, o cadáver foi trasladado para o Cemitério Paroquial.

A família enlutada e especialmente ao sr. Adelino Ribeiro de Abreu, renovamos os nossos cumprimentos de condolências.

### De luto

Pelo falecimento de seu irmão sr. Dr. Adriano Simões Veloso de Almeida, ocorrido há dias em Róssas, Vieira do Minho encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. P.º José Carlos de Araújo Veloso Simões de Almeida, illustre Presidente do Orfeão de Guimarães e Director do Internato Académico, a quem o «Notícias de Guimarães» apresenta os seus cumprimentos de condolências.

— Pelo falecimento de um seu irmão, ocorrido na Póvoa de Varzim, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e conceituado industrial em Guimarães, sr. Francisco da Costa Jorge, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de condolências.

### Sufragando

Sufragando a alma da sr.ª D. Florinda Rosa de Carvalho, será celebrada uma missa no próximo dia 27, às 8 horas, na paroquial de S. Sebastião. De uma pessoa de família da extinta, recebemos a quantia de 5000, para os nossos pobres, em sufrágio da sua alma. Agradecemos em nome dos contemplados.

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

João Evangelista das Neves Almeida — Completa hoje 68 anos de idade o nosso prezado amigo sr. João Evangelista das Neves Almeida a quem, por tal motivo, apresentamos os nossos cumprimentos.

### Partidas e chegadas

Dr. Alfredo Pimenta — Acompanhado de sua família regressou ontem a Lisboa o nosso querido amigo e illustre colaborador e conterrâneo, sr. dr. Alfredo Pimenta.

— Regressou com sua família à sua casa de Paço-Vieira, o nosso prezado amigo sr. tenente-coronel Francisco Martins Ferreira.

— Das suas propriedades de S. Torcato regressaram a esta cidade os nossos prezados amigos srs. Alberto Pimenta Machado, João Pereira Mendes, Belmiro e Manuel Mendes de Oliveira e suas famílias.

— Regressou da Póvoa de Varzim, acompanhado de sua esposa, tendo já retomado a clinica, o distinto médico dentista e nosso prezado amigo sr. dr. Alfredo Maurício de Freitas Bravo.

— Esteve entre nós, no passado domingo, o nosso prezado amigo sr. José Maria de Almeida, de Amares.

### Dr.ª Angélica Pizarro de Almeida

Do Liceu de Miranda foi transferida para o de Santarém a nossa gentil e distinta conterrânea, sr.ª Dr.ª Angélica Pizarro de Almeida, inteligente filha do nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. dr. Eduardo de Almeida, illustre adeogado.

Apresentamos-lhe, por tal motivo, as nossas felicitações.

### Doentes

Tem passado incomodada a sr.ª D. Maria Carolina Paria.

— Passou ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. dr. Adelino Ribeiro Jorge, que já se encontra melhor dos seus incómodos.

### Casamento

Na igreja paroquial de Santa Marinha da Costa realizou-se há dias o casamento da nossa gentil conterrânea sr.ª D. Albertina Faria Martins, filha do nosso saúdoso amigo sr. Joaquim Martins Guimarães e da sr.ª D. Custódia Ribeiro de Faria Martins, com o sr. João Pinto de Sousa, do Pórtó, filho do sr. José Pinto de Sousa e da sr.ª D. Albertina Cândida Adrião da Silva, já falecidos.

Do acto assistiram pessoas de família dos noivos, aos quais deseja «O Notícias de Guimarães», as maiores felicidades.

## Diversas Noticias

### Sociedade Martins Sarmiento — Conferência

Hoje, às 21,30 horas, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento, fará uma conferência subordinada ao tema: «Lengas-lengas e jogos infantis», o illustre Professor da Faculdade de Ciências do Pórtó, sr. Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

### Conselho Municipal

No dia 24 do corrente, às 21 horas, reúne o Conselho Municipal, para discutir e votar as bases do 1.º orçamento suplementar ao orçamento ordinário para a despesa e receita da Câmara no ano de 1938; municipalização dos serviços eléctricos em todo o concelho de Guimarães e as bases do orçamento ordinário para o ano de 1939.

### Mocidade Portuguesa

Centro Escolar do Liceu de Martins Sarmiento — Com a abertura do novo ano escolar, voltou à actividade este centro de instrução da M. P.

Ontem iniciaram-se os trabalhos com o seguinte horário:

8 horas, 4.º e 5.º anos; 9 horas, 6.º ano; 11 horas, 1.º, 2.º e 3.º anos.

### Vida Católica

Hoje será feita por um padre franciscano a visita canónica aos Irmãos Terceiros Franciscanos.

A reunião mensal dos Terceiros terá lugar às 16 horas, na Capela da Ordem, e ficará a realizar-se no 4.º domingo de cada mês, com a recitação da Corôa Seráfica, Prática e bênção do SS.º Sacramento.

### Furto

Na noite de 7 para 8 de Agosto último, os gatinos entraram por meio de arrombamento na casa de habitação do sr. Alberto de Souza Mascarenhas, na rua de D. João I e furto-lhe uma gabardine, um sobretudo, dois casacos, calçado e outros objectos. Por suspeitas chegou a estar detido Joaquim Fernandes Machado, filho de José Machado, sapateiro, da referida rua, tendo-se averiguado que este não teve a minima responsabilidade, visto que os autores do furto, segundo acaba de averiguar-se, foram: António da Rocha, solteiro, sem profissão e um tal «Fumega» que, depois do furto se ausentaram de Guimarães.

Alguns objectos foram já encontrados numa casa de penhores da Cidade do Pórtó.



